

SOBRE AS LISTA DE PALAVRAS CAYAPÓ DO SUL  
DE SÃO JOSÉ DE MOSSÂMEDES<sup>1</sup>

*Eduardo Alves VASCONCELOS<sup>2</sup>*

**Resumo:** Neste estudo, são propostas hipóteses sobre a pronúncia da língua Cayapó do Sul a partir das listas de palavras do aldeamento de São José das Mossâmedes coletados por Pohl e Saint-Hilaire em meados do século XIX. Considera-se, para estabelecer essa correspondência, a opção de ortografia utilizada no registro e a língua materna dos anotadores. Os Cayapó do Sul é um grupo indígena que entrou em contato com a sociedade não índia no início do século XVIII e, no início do século XX, foi tido como extinto. Sobre a língua que este grupo falava há somente seis vocabulários, dos quais, dois foram coletados no início do século XIX em São José (GO), dois, na segunda metade do século XIX, foram coletados em Santana do Parnaíba (MS). No fim deste mesmo século há ainda uma lista de palavras de Piracicaba (SP) e o última e mais extensa lista foi anotada no Triângulo Mineiro em 1911.

**Palavras-chave:** Cayapó do Sul, lista de palavras, línguas indígenas

**Abstract:** *In this study are proposed hypothesis about the pronunciation of the words South Cayapó language belonged in the lists elaborated by Pohl and Saint-Hilaire during the mid-nineteenth century, in the São José de Mossâmedes's village. To establish this correspondence, it is considered the option of spelling used in the registration and, also, the annotator's mother language. The South Cayapó are an indigenous group that came into contact with non-Indian society in the early eighteenth century and in the beginning of the twentieth century they were regarded extinct. There are only six vocabularies of the language this group used to speak, of which, two were collected in the early nineteenth century in São José (GO); two, in the second half of the nineteenth century, were collected in Santana do Parnaíba (MS); one at the end of that same century at Piracicaba (SP); and the last and the most extensive one was noted at the Triângulo Mineiro in 1911.*

**Keywords:** *South Cayapó, list of words, indigenous languages*

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta resultados iniciais do Projeto de Pesquisa: “Discutindo a História Lingüística dos Cayapó do Sul: uma análise comparativa com a língua Panará”, com financiamento FAPESP, processo no 2008/10995-1.

<sup>2</sup> Doutorando em Lingüística no IEL/UNICAMP sob orientação do prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis. E-mail para contato: dudualves@gmail.com.

## I. INTRODUÇÃO

Cayapó é o termo usado para designar um grupo indígena encontrado nos sertões do Brasil Central pelos bandeirantes no início do século XVIII. A denominação “Cayapó do Sul” serviu, mais recentemente, para diferenci-los dos grupos Kayapó contatados no norte de Goiás e Mato Grosso e no sul do Pará. Sobre os Cayapó do Sul os registros<sup>3</sup> indicam que ocupavam o centro sul de Goiás, o sudeste do Mato Grosso, o nordeste do atual Mato Grosso do Sul, o noroeste de São Paulo (entre os rios Tietê e Grande) e o triângulo mineiro.<sup>4</sup> Este território só foi intensivamente explorado a partir da segunda metade do século XVIII quando as bandeiras paulistas deram notícias de grande abundância de metais preciosos nestas regiões. Com a ascensão da economia mineradora, os conflitos eram cada vez mais comuns entre a população estrangeira que aos poucos se fixava na região e os povos indígenas que ali viviam. Em um primeiro momento, esses conflitos tinham apenas o objetivo de expulsar esses povos das regiões mineradoras. Com a decadência da economia mineradora e surgimento da economia agropastoril, os povos indígenas não eram somente expulsos, eles eram dizimados ou aldeados para que não atacassem (e prejudicassem) as fazendas, vilas e povoações.<sup>5</sup>

As informações disponíveis sobre os Cayapó do Sul são encontradas em documentos oficiais do Brasil colônia dando notícias da sua presença próxima a núcleos de povoamento e dos procedimentos para a sua “pacificação”. Nestes documentos também são encontradas as justificativas para que se declarasse a “Guerra Justa”<sup>6</sup> aos Cayapó.

---

3 Cf. Giralдин. Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central. Campinas: Educamp, 1997. 198p.

4 Segundo Giralдин (op. cit.), o território Cayapó fazia fronteira com, ao sul, Kadiwéu, Payaguá e Kaingang; a leste, Xacriabá, Akroá e Araxá; ao norte, Goiás, Crixá, Xavante e Ava-Canoeiro; a oeste, Bororo.

5 Cf. Giralдин, 1997, 2000; Ataídes, 1998; Karasch, 1998.

6 A Guerra Justa era um mecanismo dos colonizadores para justificar o ataque e a captura de índios.

No fim do século XVIII, foi reservado para os Cayapó do Sul uma área próxima à Vila Boa (então capital de Goiás), denominada Aldeia Maria I. Este vem a ser o primeiro aldeamento deste grupo. Quando foi criada esta aldeia, já existia, próximo à Vila Boa, o Aldeamento de São José da Mossâmedes, considerado modelo e que abrigava índios Karajá, Acroá e Javaé. No início do século XIX, os Cayapó do Sul foram transferidos para São José da Mossâmedes, quando este já havia sido abandonado pelos os outros grupos indígenas.<sup>7</sup>

As primeiras informações lingüísticas sobre os Cayapó do Sul são de Emmanuel Pohl e Auguste Saint-Hilaire que, no início do século XIX, realizaram expedições pelo interior do Brasil e estiveram em Vila Boa e São José das Mossâmedes, onde conheceram os Cayapó do Sul. As listas de palavras coletadas por eles foram publicadas em seus respectivos diários de viagem. Estas listas se caracterizam por serem anotadas em um mesmo lugar, com um pequeno intervalo de tempo entre a primeira (Pohl) e a segunda (Saint-Hilaire). A primeira foi anotada em grafia alemã, já a segunda em ortografia portuguesa.

Há ainda, conhecidas, quatro listas de palavras dos Cayapó do Sul: as de Lemos da Silva e Kupfer, da aldeia próxima a Santana do Paranaíba; a de Nehring, boticário em Piracicaba; e a de Alexandre de Souza Barbosa, do triângulo mineiro nos primeiros anos do século XX.<sup>8</sup>

Neste estudo, será apresentada a primeira padronização realizada para as listas de palavras anotadas por Saint-Hilaire e Pohl. Esta padronização consiste em estabelecer as relações entre a ortografia utilizada e os símbolos fonéticos, para que se possam traçar melhor as identificações lingüísticas entre uma notação e outra.

---

<sup>7</sup> Pohl visita a abandonada aldeia de Maria I, ele ressalta que esta seria mais adequada ao modo de vida dos Cayapó do que a de São José (Pohl, 1976 [1832]: 154).

<sup>8</sup> Tanto a lista de Lemos da Silva como a de Barbosa só se tornaram conhecidas após a pesquisa realizada por Giralдин, na década de 90.

## 2. SOBRE AS PUBLICAÇÕES DAS LISTAS DE POHL E SAINT-HILAIRE

As listas de palavras de coligidas por Pohl e Saint-Hilaire foram publicadas em seus respectivos relatos de viagem, elaboradas quando estes já se encontravam de volta à Europa. O “*Reise im Innern von Brasilien*” de Pohl foi publicado em 1832 e o “*Voyage aux Source du Rio S. Francisco II*” de Saint-Hilaire foi publicado em 1848. Na segunda metade do século XIX, Von Martius publica o “Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil”<sup>9</sup>, em que ele reúne diversos vocabulários de línguas indígenas coletados no Brasil por diferentes viajantes, em diferentes expedições. Na lista de palavras do Cayapó do Sul, disponível no Glossário, há a seguinte nota: “lista elaborada por Pohl (Viagem) transcrita em grafia alemã; outras palavras, as quais designamos por H, são de Saint-Hilaire da lista presente no Viagem às Nascentes do Rio São Francisco II”<sup>10</sup>. Ou seja, segundo Von Martius estaria reproduzida toda a lista de Pohl e também a de Saint-Hilaire, porém, somente algumas palavras da lista Saint-Hilaire estão devidamente marcadas. A falta de uma marca que distinguisse as duas listas fez com que os pesquisadores que se detiveram na análise destas listas atribuíssem à lista de Pohl palavras que são da lista elaborada por Saint-Hilaire, ou ainda, atribuíssem a Saint-Hilaire somente aquelas palavras marcada com *H* no Glossário. Tal confusão parece ocorrer nos trabalhos de Heelas (1979) e Schwartzman (1987) ao comparar os dados da língua Panará com as listas de palavras de Pohl e Saint-Hilaire e também no trabalho de Giralдин (1997).

As palavras selecionadas a seguir foram retiradas de Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848) e Von Martius (1867).

- (1) Pohl  
Branntein (aguardente) – *incója*

<sup>9</sup> Martius, Carl F. P. von Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen [Glossarium linguarum Brasiliensium]: Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil. Leipzig, 1867. 548p.

<sup>10</sup> Tradução livre de: “Die liste rührt von Pohl (Reise) her und ist in deutscher Schreibung abgefasst; andere worte, die wir durch H bezeichnen, sind aus S. Hilaire’s voyage aux sources du Rio de S. Francisco II” (Martius, 1867: 135).

Bogen (arco) – *itsché*

(2) Saint-Hilaire

Arc (arco) – *itse*

Oreilles (ouro) – *chicré*

(3) Von Martius

Sincera (aguardente) – *incoja* (caxasa: port)

Arcus (Arco) – *itsché, itsé*

auris (ouro) – *chicré H*

A compilação realizada por von Martius apresenta ainda diferenças quanto ao uso que os anotadores fazem dos diacríticos, tal como pode ser observado para a palavra aguardente em (1) e (3). A ausência de uma marca separando quais seriam as palavras anotadas por Pohl quais as anotadas por Saint-Hilaire, faz o leitor desavisado inferir que em Pohl há uma variação no registro, tal como a palavra para arco em (3).

Para este estudo, foram utilizadas a lista de Pohl publicada em 1832 no “*Reise im Innern von Brasilien*”, traduzida para português pelo INL em 1951; e a lista de Saint-Hilaire publicada em 1848 no “*Voyage aux Source du Rio S. Francisco II*”, e as traduções para o português realizadas em 1937 (Companhia Editora Nacional) e em 1975 (Editora Itatiaia em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo).<sup>11</sup>

### 3. A LISTA DE PALAVRAS DE EMMANUEL POHL

Emmanuel Pohl coletou 63 palavras da língua que foi falada pelos Cayapó do Sul em São José da Mossâmedes. No seu relato, faz poucos comentários sobre a língua e se detém na descrição física do aldeamento. Para Pohl, “a língua dos caiapós consiste, na maior parte, em palavras isoladas, que freqüentemente são repetidas umas após as outras. Êles as proferem, em parte, com a bôca aberta. Não pude reunir expressões conexas, mas várias palavras soltas” (Pohl, 1951[1832]: 366).

<sup>11</sup> As edições originais dos livros de Pohl e Saint-Hilaire foram consultadas na Coleção Paulo Duarte da Biblioteca Central César Lattes, da Universidade Estadual de Campinas (BCCL/Unicamp).

Pohl registrou as palavras em ortografia alemã e, para determinar o valor fonético dos segmentos, é preciso considerar como um falante de alemão interpretaria os sons do Cayapó e como a ortografia utilizada refletiria essa percepção. Tal preocupação também é válida para a lista de Saint-Hilaire: como um falante de francês interpretaria os sons do Cayapó do Sul e como a ortografia do português refletiria essa percepção. Sobre a percepção (ou avaliação) de fonemas de uma língua estrangeira, Trubetzkoy traz a seguinte contribuição:

O sistema fonológico de uma língua é como um filtro através do qual passa tudo o que é dito. Apenas aquelas marcas fônicas que são relevantes para a identidade do fonema são retidas nele. [...] O sistema de ‘filtros’, no entanto, que torna possível tal análise, é estruturado diferentemente em cada língua. Cada pessoa adquire o sistema da sua língua materna. Mas quando ela ouve outra língua sendo falada ela intuitivamente usa o familiar ‘filtro fonológico’ da sua língua materna para analisar o que foi dito.<sup>12</sup>

No mesmo trecho, Trubetzkoy esclarece que, justamente por conta do filtro fonológico, a língua estrangeira é interpretada equivocadamente: “os sons da língua estrangeira recebem uma interpretação fonológica incorreta uma vez que eles são passados pelo ‘filtro fonológico’ da língua materna do ouvinte” e acrescenta: “essa avaliação incorreta de sons de uma língua estrangeira é condicionada pelas diferenças entre a estrutura fonológica da língua estrangeira e a língua materna do falante”.<sup>13</sup>

No processo de estabelecer as correspondências entre a grafia utilizada e os sons da língua é importante considerar a opção do anotador por uma ortografia corrente, seja a do alemão, seja a do português, e as peculiaridades do seu uso. Assim, por exemplo, em alemão, três letras representam um único som: *sch* – [ʃ]; a letra *c* representa tanto [k] e como [tʃ], o *s* no *onset* da sílaba é foneticamente [z], quando na posição de *coda* o som é de [s]. Essas características comuns às ortografias de línguas escritas serão apresentadas quando necessárias nas sessões seguintes.

<sup>12</sup> Trubetzkoy, 1939. Tradução de Wilmar D’Angelis, no prelo.

<sup>13</sup> Idem.

## 3.1. Pohl: consoantes

As letras *p, t, k* representam [p], [t], [k], respectivamente; ocorrem como *onset* e somente a alveolar [t] é realizada em coda interna de sílaba.

<i>potinaschá</i>	[potina'ja]	‘vaca’
<i>kitaschá</i>	[kita'ja]	‘burro’
<i>itpé</i>	[it'pe]	‘um branco’

Os registros com a letra *b*, todos em *onset* de sílaba, corresponderia à labial [b]:

<i>robú</i>	[ro'bu]	‘cão’
<i>cubu papa</i>	['kubu 'papa]	‘caçar’

Segundo Prévot, *c*, em alemão, “encontra-se isolado só em palavras estrangeiras; pronuncia-se como *ts* (equivale a *z* alemão) antes *ä, e, i, e y* [...] antes das outras vogais e consoantes (menos *ch*), equivale a *k* [...]” (Prévot, 1913: 9). Na lista de Pohl, *c* e *k* são usadas para registrar o som [k], palavras como *pujanka-unkua* ‘igreja [casa de Deus]’ e *uncuá* ‘casa’ indicam que tanto *c* e *k* representam o mesmo som.

<i>cupá</i>	[ku'pa]	‘terra’
<i>kupajotú</i>	[kupajo'tu]	‘ouro’
<i>capité</i>	[kapi'te]	‘sabre’

As palavras grafadas com *tsch* representam o som [tʃ]:

<i>itsché</i>	[i'tʃe]	‘arco’
<i>itschiú</i>	[i'tʃi'u]	‘fogo’
<i>tschúnquantú</i>	[tʃúnkʷan'tu]	‘cama’

A ocorrência de [tʃ] no início de palavra reforça a sua interpretação como *onset* de sílaba em *itsché* e *itschiú*. Para *itschiú*, é possível levantar outras interpretações além da apresentada, pois ele poderia corresponder a [itʃi'u] ou ainda [i'tʃi'u]. A palatalização, neste caso, poderia indicar somente um segmento de transição que ocorreria diante de *u* e justificaria a interpretação de *muschiú* [muʃi'u]. Porém, tal interpretação não explica o registro de palavras em que teríamos a sílaba [ʃu] sem a presença deste segmento: *tetaschiú*. O ambiente em que essa palatalização ocorre é

comum às outras obstruintes descontínuas – [pʲ], [tʲ] e [kʲ] – o que parece sugerir a possibilidade de uma classe, pelo menos fonética, de consoantes palatalizadas (ver Sílabas), e teríamos assim [tʲʲ]. Uma possível realização da obstruinte glotal ou a existência de duas sílabas, sendo a última formada somente por V esbarra na falta de palavras que possam dar outros indícios dessas realizações.

As palavras nas quais Pohl utiliza a letra *z* são interpretadas aqui como a realização do segmento [tʲ], lembrando que, segundo Prévot, “*z* deve-se pronunciar como *ts* intimamente ligados, de modo a não intercalar e mudo entre *t* e *s*” (*idem*).

<i>caitpóze</i>	[kait'põtse]	‘enxada’
<i>inpóazo schú kriti</i>	[ĩ'poatso 'ʃu kriti]	‘ovelha’
<i>zápio</i>	[ʔsapio]	‘casar’

Na ortografia alemã, *s* em *onset* de sílaba pronuncia-se [z]. Essa letra só é pronunciada como [s] em posição de coda. Para representar [s] em *onset* de sílaba, a ortografia alemã usa *ss* ou *ß*.

<i>sucomú</i>	[zuko'mu]	‘serra’
<i>kitesi</i>	[ʔkitezi]	‘ferro’
<i>usúm</i>	[uzum]	‘pai’
<i>unisi</i>	[unizi]	‘mãe’

Na ortografia utilizada *sch* representa [ʃ]:

<i>tetaschú</i>	[teta'ʃu]	‘feijão’
<i>potinaschá</i>	[potina'ʃa]	‘vaca’
<i>schapú</i>	[ʃa'pu]	‘roupa’
<i>schápa</i>	[ʃapa]	‘machado’

Sobre o uso que Pohl faz de *sch*, Saint-Hilaire faz a seguinte observação: “[...] não encontrando em sua língua [alemão] uma letra correspondente ao *j* dos portugueses e dos franceses, ele [Pohl] escreveu *caschoné* ao invés de *cajoné* [...]” (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 68), ou seja, *sch* representaria [ʒ] e não [ʃ]. Na lista anotada por Saint-Hilaire (ver 4), há distinção entre essas duas consoantes, a primeira sendo marcada por *j* e a segunda por *ch*. Na lista de Pohl, essa distinção não estaria marcada porque tal distinção também não existe em alemão. A opção aqui foi manter



a surda e somente análises comparativas com a lista de Saint-Hilaire e demais listas poderão dar indicações mais precisas sobre o valor de *sch*.

Em *onset* de sílaba são registradas a ocorrências da nasal labial e alveolar, [m] e [n]:

<i>muschiú</i>	[muʃi'u]	‘milho’
<i>sucomú</i>	[zuko'mu]	‘serra’
<i>inromú</i>	[ĩro'mu]	‘mata’
<i>schuninsischumá</i>	[ʃunĩziʃu'ma]	‘galo’
<i>potináschain</i>	[poti'naʃaĩ]	‘carne de vaca’
<i>pinató</i>	[pina'to]	‘dançar’
<i>schótine</i>	[ʃotine]	‘dormir’
<i>keni</i>	[ʃ'keni]	‘pedra’
<i>caschoné</i>	[kaʃ'o'ne]	‘flecha’

Na posição de coda, a ocorrência de consoantes nasais está condicionada à interpretação da seqüência *v+n*, pois este poderia ser o mecanismo utilizado por Pohl para assinalar as vogais nasais. Sendo assim, a seqüência *v+m* seria a marcação de uma consoante nasal em coda.

<i>usúm</i>	[u'zum]	‘pai’
<i>kientóm</i>	[kʃẽ'tom]	‘sacerdote’

Sobre as nasais, em Cayapó do Sul, é preciso considerar ainda um possível processo de nasalização que seria indicado nos exemplos a seguir:

<i>itpé</i>	[it'pe]	‘branco’
<i>itpé-pri</i>	[it'pe pri]	‘menino’
<i>itpéntié</i>	[it'pẽt'e]	‘menina’

Observando a última palavra da seqüência, é possível postular que *ntie* seja um segmento completamente nasal (*nje* ou *ɲe*) que se desnasaliza em contexto oral. Não há outro dado que explicita a realização deste processo, mas adotando esta hipótese poderíamos interpretar *tschúnquantú* como [ʃũkʷã'n̩tu] (lembrando que na ortografia alemã *q* só ocorre acompanhado de *u*, e tem o valor de *k<sup>w</sup>*), *lempánia* como [lẽ'm̩pan̩ã] e *impôti* como [ĩ'm̩poti]. Essa

hipótese tem ainda como consequência a realização de outras consoantes nasais em *onset* de sílaba, *ŋ* e *ŋ*.

Sobre a realização das nasais na notação de Pohl é preciso ainda considerar uma observação feita por Saint-Hilaire: “por ter desejado seguir a ortografia alemã, Pohl em seu vocabulário foi levado a cometer vários erros [...] e não lhe sendo possível reproduzir graficamente o com *nh* português ou do *gn* do francês, ele registrou *tapanio* em lugar de *tapanho*” (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 68). Transliterando para o IPA, segundo a explicação de Saint-Hilaire, teríamos: [ta'paŋo].

A letra *r* representa o som [r]<sup>14</sup>, ocorre também em *onset* complexo em que a C1 é necessariamente uma obstruinte descontínua labial [p] ou dorsal [k], não há caso com a coronal [t].

<i>robú</i>	[ro'bu]	‘cão’
<i>arena</i>	[are'na]	‘fumo (tabaco)’
<i>itpé-pri</i>	[it'pe pri]	‘menino’
<i>inpóazo schú kriti</i>	[ĩ'poatso 'fu kriti]	‘ovelha’
<i>inromú</i>	[ĩro'mu]	‘mata’
<i>lenkré</i>	[lẽ'kre]	‘dedo’

A letra *l* representa [l] nas três palavras a seguir:

<i>poli</i>	['poli]	‘pão’
<i>lempânia</i>	[lẽ'pania]	‘comer’
<i>lenkré</i>	[lẽ'kre]	‘dedo’

Nas seguintes palavras, a letra *j* representa a aproximante [j]:<sup>15</sup>

<i>incója</i>	[ĩ'koja]	‘aguardente’
<i>pujanka</i>	['pujãka]	‘deus’
<i>kupajotú</i>	[kupajo'tu]	‘ouro’

### 3.2 Pohl: vogais

No registro das vogais, não está evidenciado se há uma distinção entre vogais abertas ou fechadas, o diacrítico usado estaria

<sup>14</sup> “R, r, no princípio duma palavra, é mais brando do que em português; geralmente tem a pronúncia do r em caro” Prévot, 1913:10.

<sup>15</sup> “j corresponde ao y inglês em year [...]. O j de Julio não existe em palavras nacionais [germânicas]” Idem, ibidem.

assinalandando a sílaba tônica das palavras e não abertura de vogal. Sobre a representação de vogais abertas e fechadas na ortografia alemã é preciso considerar que a anterior média aberta [ɛ] é representada por *ä*. Quando o *e* representa este som, comumente, aparece seguido por consoantes duplas ou consoantes em coda silábica. Para a posterior, Prévot observa: “*O, o* não tem se não dois valores em alemão: [...] breve e aberto [ɔ] quando seguido de consoante dobrada” (Prévot, 1913: 7). Este diacrítico também ocorre com *a* e *u* e não temos nenhum exemplo deste com *i*.

Dados como: *impôti* ‘veado’ e *impó* ‘corça’ podem ser entendidos como um contra argumento à interpretação de que os diacríticos estariam marcando somente acento. Entretanto, na lista de palavras, este é único exemplo em que parece haver uma tentativa de distinção de altura usando o diacrítico ( ^ ). Mas é preciso considerar que as palavras em questão designam dois cervídeos do cerrado brasileiro, com características semelhantes. É preciso considerar também o uso da forma *impó* em *impóazo schú kritti* ‘ovelha’, o que parece indicar que *impó* ou *impô* possam está funcionando como marcador de tipo de caça ou animal e, assim, estariam em variação, ou seja, não distinguindo significado. Seguem as hipóteses levantadas para as vogais.

<i>kitaschá</i>	[kita'ʃa]	‘burro’
<i>penatá</i>	[pena'ta]	‘farinha de milho’
<i>inromú</i>	[ĩro'mu]	‘mata’
<i>átona</i>	['atona]	‘espingarda’
<i>schótine</i>	['ʃotine]	‘dormir’
<i>capité</i>	[kapi'te]	‘sabre’
<i>keni</i>	['keni]	‘pedra’

Como exposto, o possível mecanismo utilizado por Pohl para marcar vogais nasais seria o uso da consoante *n* após a grafia das vogais. Ao aceitar essa hipótese, não podemos assegurar que exista coda nasal na língua, pois não seria possível identificar quando a consoante estaria marcando a vogal nasal e quando estaria marcando a coda nasal. Sobre as nasais (sejam vogais, sejam consoantes), é preciso considerar se há ou não processos envolvendo nasalizações. A hipótese do processo de nasalização, tal

como apresentada anteriormente, reforçaria a existência de vogais nasais. Entendo a nasalização (ou oralização) como um mecanismo da língua para preservar a integridade sonora dos segmentos nasais, ou seja, consoantes nasais oralizadas em contexto oral e consoantes completamente nasais em contextos nasais.

#### 4. A LISTA DE PALAVRAS DE SAINT-HILAIRE

O registro de Saint-Hilaire está em ortografia do português do século XIX, pois, segundo este naturalista, a ortografia do português “acompanha mais de perto a maneira como as palavras são pronunciadas [...] admite uma acentuação prosódica e indica as vogais nasais” (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 68). Sobre como a língua era pronunciada, Saint-Hilaire faz a seguinte observação: “os Coiopós<sup>16</sup> falam pela garganta e com a boca quase fechada”. Sobre o registro explica que:

transcrevo aqui várias palavras que me foram ditadas por um Coiopó muito inteligente, que falava muito bem o português e fazia parte da companhia de pedestre. Conforme o meu costume, depois de escrever as palavras eu as li em voz alta para quem as havia ditado para mim, a fim de verificar se eram compreendidas e se eu as tinha registrado corretamente. (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 67)

A seguir serão apresentadas hipóteses sobre o valor fonético das palavras anotadas por Saint-Hilaire.

##### 4.1 *Saint-Hilaire: Consoantes*

As consoantes [p], [t] e [k] são representadas, respectivamente, por *p*, *t* e *c*. Diante de *i*, Saint-Hilaire usa o dígrafo *qu* pra representar [k]:

<i>puturuá</i>	[putu'rua]	‘lua’
<i>cotu</i>	['kotu]	‘preto’
<i>tapanhocua</i>	[ta'pa#o 'kua]	‘mulher negra’
<i>iquitachó</i>	[ikita'ʃo]	‘cavalo’
<i>pupti</i>	['pupti]	‘rio’

<sup>16</sup> Diferente de Pohl, Saint-Hilaire usa a palavra Coiopó no lugar de Caiapó.

Enquanto *b* e *d* registram a ocorrência de [b] e [d], respectivamente, nos dois casos ele ocorrem no *onset* da sílaba:

<i>jóbo</i>	[ʒɔbo]	‘carne’
impudé	[impu'de]	‘pescoço’

Os sons [t̃s] e [t̃ʃ] são representados, respectivamente, por *ts* e *tch*:

<i>itse</i>	[i't̃se]	‘arco’
<i>impantsa</i>	[im'pant̃sa]	‘penas’
<i>itchune</i>	[i't̃ʃune]	‘pássaro’

A sibilante [s] é representada somente por *s*. Há somente uma ocorrência deste segmento:

<i>amsiti</i>	[am'siti]	‘estrelas’
---------------	-----------	------------

Diferente de Pohl, o *j* representa, na lista de Saint-Hilaire, o som [ʒ], enquanto o *ch* representa [ʃ]:

<i>cajone</i>	[kaʒone]	‘flecha’
<i>jóbo</i>	[ʒɔbo]	‘carne’
<i>chapé</i>	[ʃa'pɛ]	‘boca’
<i>chuá</i>	[ʃu'a]	‘dentes’
<i>chacaré</i>	[ʃaka'ɾɛ]	‘nariz’

A letra *r* representa [r], ocorre tanto em *onset* simples como em *onset* complexo. Na lista de Saint-Hilaire, o *onset* complexo só ocorre com a obstruinte descontínua posterior [k]:

<i>intiera</i>	[ĩtieRa]	‘mulher’
<i>icrian</i>	[ikRiá]	‘cabeça’
<i>chicria</i>	[ʃi'kRia]	‘mãos’

Para a palavra *poré* ‘pedaço de pau’, segundo Saint-Hilaire (1975[1848]: 68), “o *r* tem o som de *l*”, assim, [po'le].

Em Saint-Hilaire, as nasais [m], [n] e [ɲ], no *onset*, representadas por *m*, *n* e *nh*:

<i>macácá</i>	[ma'ka 'ka]	‘branco’
<i>intomarca</i>	[ĩtomarka]	‘feio’
<i>cajone</i>	[ka'ʒone]	‘flecha’
<i>itchune</i>	[it'ʃune]	‘pássaro’

<i>nhontuára</i>	[ɸótu'ara]	‘criança’
<i>punhanca</i>	[puɸáka]	‘deus’

Sobre as consoantes nasais na posição de coda, encontramos a mesma questão que há na lista de Pohl: há vogais nasais na língua? Como estas estariam sendo representadas? Como exposto, uma das justificativas de Saint-Hilaire para usar a ortografia do português é a possibilidade desta ortografia permitir a marcação de vogais nasais. Tanto na ortografia atual como naquela do século XIX, as vogais que têm nasalidade fonética ocorrem com o acento til ou seguida de consoante nasal.<sup>17</sup> Na lista de Saint-Hilaire, porém, nenhuma palavra foi grafada com til, assim, poderíamos para sua lista fazer a mesma hipótese feita para a lista de Pohl: o mecanismo usado para a marcação de nasalidade de vogal seria a consoante *m* diante de *p* e no final de palavras e *n* nos demais casos, com uma exceção, *amsiti* palavra em que o *a* está seguido de *m* e não de *n*. Na tradução realizada pela Companhia Editora Nacional, de 1937, esta palavra tem a seguinte grafia: *amisiti*; porém, na edição original de 1848, a grafia é a mesma da tradução da Editora Itatiaia de 1975: *amsiti*.

#### 4.2 Saint-Hilaire: Vogais

Sobre as vogais, Saint-Hilaire faz as seguintes observações: “o *u* se pronuncia *ou* [...] de acordo com a pronúncia francesa. [...] quando o acento é sobre a letra *o*, ela é pronunciada como em nossa palavra *or*. O *e* acentuado tem o som de nosso *ê*” (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 68). Tais pronúncias, transliteradas para o IPA, são respectivamente [u], [ç] e [ɛ].

<i>itú</i>	[i'tu]	‘ventre’
<i>imputé</i>	[ĩpu'tɛ]	‘sol’
<i>cacatéta</i>	[kaka'tɛta]	‘homem branco’
<i>chucóto</i>	[ʃu'kçto]	‘peito’
<i>parachó</i>	[paRa'ʃç]	‘folha’
<i>tépo</i>	[tɛpo]	‘peixe’

<sup>17</sup> Aqui, segue-se a interpretação dada por Camara Jr. às vogais nasalizadas do português (2008 [1953]).

A letra *a* representa o som [a] e *i* representa [i]:

<i>patso</i>	[ˈpatso]	‘fruto’
<i>ípá</i>	[iˈpa]	‘braço’
<i>icrite</i>	[iˈkrite]	‘anta’

Sobre o *u* na palavra *cúpa* há ainda a seguinte informação: “a pronúncia de *u* nessa palavra corresponde ao *iou* francês”; em francês essa seqüência de sons é pronunciada *iu*, como em *lioube* (liúbe) e *pioupiou* (piupiú).<sup>18</sup>

<i>cúpa</i>	[ˈkiupa]	‘deus’
-------------	----------	--------

Sobre a marcação de vogais nasais, Saint-Hilaire explica que “o *im* final é um *i* muito nasal”, acrescenta que *on* é “também muito nasal”. Ao generalizar essas observações, afirma-se que toda vogal seguida por *n* ou *m* é uma vogal nasal. A identificação de uma coda nasal fica obscurecida, um detalhe importante para esta identificação é a ausência de palavras com *en* e *un*.

<i>ipanré</i>	[ipáˈre]	‘pequeno’
<i>ampiampio</i>	[âmpiâpio]	‘vermelho’
<i>incó</i>	[ĩˈkɔ]	‘água’
<i>nhontuára</i>	[ɲõˈtuara]	‘criança’
<i>iquim</i>	[ikĩ]	‘cabelos’

## 5. ACENTO

Sobre o uso do diacrítico na sua lista de palavras, Saint-Hilaire explica: “[...] a tônica cai geralmente na penúltima sílaba, a menos que o acento ( ´ ) indique uma ou várias sílabas acentuadas [...]” (Saint-Hilaire, 1975 [1848]: 68). Considerando essa observação, todas as palavras que não recebem o diacrítico ( ´ ) terão a tônica na penúltima sílaba.

<i>patso</i>	[ˈpatso]	‘fruto’
<i>icrite</i>	[iˈkrite]	‘anta’
<i>cajone</i>	[kaˈzone]	‘flecha’
<i>itcbune</i>	[iˈtʃune]	‘pássaro’

<sup>18</sup> Pronúncia baseada no Novo Dicionario Francez-Portuguez, de José da Fonseca, de 1885. Aqui ele não usa Alfabetico Fonético Internacional.

Para as demais, a sílaba mais forte será aquela que recebe o diacrítico:

<i>intó</i>	[ĩ'to]	‘olhos’
<i>chacaré</i>	[ʃaka're]	‘nariz’
<i>cacatéta</i>	[kaka'teta]	‘homem branco’
<i>chapé</i>	[ʃa'pe]	‘boca’
<i>ipá</i>	[i'pa]	‘braço’
<i>macácá</i>	[ma'ka'ka]	‘branco’

Na lista Pohl, o diacrítico ( ' ) ocorre, na maioria das palavras, na última sílaba. Pohl, diferente de Saint-Hilaire não faz qualquer comentário sobre o uso da ortografia utilizada no registro. Assim, assumir esta marcação como sinalização de sílaba tônica é somente uma hipótese. A ocorrência do diacrítico em outras sílabas e em alguns casos em mais de uma sílaba, confirmaria essa hipótese e sugere que Pohl só faz uso do diacrítico ( ' ) quando o padrão acentual do Cayapó do Sul distancia-se do encontrado na língua alemã. Importante considerar que, no registro de Pohl da língua Xavante da aldeia do Carretão, ele também não faz uso de qualquer diacrítico.

<i>intá</i>	[ĩ'ta]	‘água’
<i>incója</i>	[ĩ'koja]	‘aguardente’
<i>arená</i>	[are'na]	‘fumo (tabaco)’

Nas palavras a seguir, o diacrítico é usado na sílaba com a tônica presumida em alemão – a primeira sílaba de uma palavra:

<i>schápa</i>	[ʃ'apa]	‘machado’
<i>schótine</i>	[ʃ'otine]	‘dormir’
<i>póli</i>	[p'oli]	‘pão’

Ao comparar as duas listas de palavras encontramos as seguintes discordâncias quanto ao acento:

(Pohl)	(Saint-Hilaire)	
[ku'pa]	[kiupa]	‘terra’
[te'pu]	[tepo]	‘peixe’
[i't̃je]	[it̃se]	‘arco’
[pujáka]	[pu'náka]	‘deus’
[amʃiti]	[amsi'ti]	‘estrelas’



A essas discordâncias, incluem-se as seguintes correspondências:

(Pohl)		(Saint-Hilaire)	
[ĩ'koja]	‘aguadente’	[ĩ'kɔ]	‘água’
[kita'ʃa]	‘burro’	[ikita'ʃɔ]	‘cavalo’
[ĩ'po]	‘corça’	[ĩ'pɔ]	‘cervo’

## 6. SÍLABA

As duas listas apresentam em comum a ocorrências dos seguintes padrões silábicos: V, CV, CVC e CCV:

	(Pohl)		(Saint-Hilaire)	
V	<i>itú</i>	‘morrer’	<i>ité</i>	‘pernas’
CV	<i>capité</i>	‘sabre’	<i>cotú</i>	‘preto’
CVC	<i>putkuá</i>	‘céu’	<i>pupti</i>	‘rio’
CCV	<i>lenkré</i>	‘dedo’	<i>icrite</i>	‘anta’

Na lista de Pohl são encontradas ainda sílabas que teriam o padrão VC e CVVC, este último permitindo ser interpretado como CV.VC:

VC	<i>itpé</i>	‘um branco!’
CVVC	<i>caitpopó</i>	‘foice’

O padrão silábico preferível da língua é o CV. O padrão V parece ser bastante comum devido a possíveis processos morfofonológicos. Quanto ao padrão CCV, é preciso considerar que em nenhuma das listas os valores de *i* e *u* estão claros em palavras como *uncuá* ‘casa’, *zápio* ‘casar’, em Pohl; *chuí* ‘dentes’ e *ampiampio* ‘vermelho’, em Saint-Hilaire. Esses tipos de sílabas têm distribuições diferentes em cada lista: em Pohl, um possível *i* assilábico ocorre com *p*, *t* e *k*, tal seguimento também poder ser encontrado com *tsch* – *itschiu* ‘fogo’; na lista de Saint-Hilaire ocorre em poucas palavras e somente com *p* e *r*. Em comum, as listas apresentam *puV*, *tuV*, *kuV* – *shampué* ‘trabalhar’, *putuá* ‘lua’, *putkuá* ‘céu’, Pohl; *impuaria* ‘homem’, *iprontuaria* ‘moça’ e *tapanhocua*, Saint-Hilaire; porém, *ruV* e *chuV* só são anotados por Saint-Hilaire, *puturuá* ‘lua’ e *chuí* ‘dentes’. Corroborando o tipo CCV há ainda as palavras que formariam *onset* complexo com *r*:

*itpé-pri* ‘menino’ (Pohl) e *icria* ‘coxa’ (Saint-Hilaire), porém, esse tipo de sílaba em Saint-Hilaire só ocorre com a vogal *i*, enquanto em Pohl há somente um caso, o que poderia ser interpretado como uma percepção equivocada de duas sílabas CV.CV, em que o segmento vocálico da primeira sílaba seria mais breve.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ainda não realizou a comparação necessária entre estas duas listas. O fato de dois naturalistas, falantes de línguas diferentes, terem anotadas palavras do Cayapó do Sul em um mesmo lugar em um pequeno intervalo de tempo pode fornecer mais informações sobre como foram percebidos por um e por outro os sons da língua. Somente análises mais aprofundadas confrontando as listas e o uso da ortografia poderão evidenciar essas percepções. Apesar dos dados aqui apresentados permitirem inferências, ainda é preciso estudos mais minuciosos para estabelecer essas relações. Outro ponto a ser analisado nestas listas são as indicações sobre a morfologia da língua, morfemas que estão implícitos no seu registro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATAÍDES, J.M. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia: Editora UCG, 1998. 187p.
- CAMARA JR, J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008 [1953]. 125p.
- FONSECA, J. *Novo dictionario francez-portuguez: composto sobre os melhores e mais modernos dictionarios*. Paris; Rio de Janeiro: Aillaud: P. Azevedo, 1885.
- GIRALDIN. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp, 1997. 198p.
- KARASCH, M. “Catequese e cativo: política indigenista em Goiás, 1780-1889”. In: CUNHA, M.C. (org.) *História dos índios no Brasil*. 2.

ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 397-412.

MARTIUS, C.F. P. von. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen* [Glossarium linguarum Brasiliensium]: Glossarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os Indios no imperio do Brazil. Leipzig, 1867. 548p.

POHL, J.E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhoechsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832.

POHL, J.E. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1951, Parte I.

POHL, J.E. *Viagem no Interior do Brasil*. Tradução de Milton Amado e Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. 417p.

PRÉVOT, J. *Nova Gramática Alemã: Teoria e Prática*. Lisboa, Heidelberg, 1913.

SAINT-HILAIRE, A. *Voyage aux sources du Rio de. S. Francisco et dans la province de Goyaz*. Paris: a. Bertrand, 1848.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás*. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 2, 1937.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. 1975.

TRUBETZKOY, Nikolay. *Princípios de fonologia*. Tradução de Wilmar da Rocha D'Angelis. No prelo. Título original: Grützüge der Phonogie.